



Short Communication

A ocorrência do caramujo terrestre *Megalobulimus* em um sítio arqueológico de Mato Grosso do Sul, Brasil.

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar¹

AUTHOR AFILIATIONS

1 – Universidade Federal de
Grandes Dourados

CONTACT

rodrigoaguiar@ufgd.edu.br

ABSTRACT

the occurrence of terrestrial snail is cited by some archaeologists. In the South and Southeast of Brazil there is more complete academic works about malacofauna in archaeological sites both on the littoral and on the plateau. Nevertheless in Mato Grosso do Sul State researches of this nature are incipient, demanding a deeper discussion about it. This paper is about the occurrence of *Megalobulimus* in the archaeological site of Templo dos Pilares, Alcíniopolis city, Mato Grosso do Sul State. In the level 10 of one dig area was recovered an intact shell of *Megalobulimus* dated on 4.141 B.P.

Keywords: archaeology; prehistory; malacofauna; Mato Grosso do Sul; Brazil.

RESUMO

a ocorrência de caramujos terrestres é citada por autores da área de arqueologia. No sul e sudeste do Brasil, há descrições mais detalhadas sobre a malacofauna presente em sítios arqueológicos, tanto do litoral como do planalto. Entretanto, em Mato Grosso do Sul, estudos dessa natureza são incipientes, tornando necessário o aprofundamento das discussões a respeito. Este artigo trata da ocorrência de *Megalobulimus* no sítio arqueológico Templo dos Pilares, em Alcíniopolis (MS). No nível 10 de uma das quadrículas recuperou-se uma concha intacta desta espécie, sendo datada de 4.141 A. P.

Palavras-chave: arqueologia; pré-história; malacofauna; Mato Grosso do Sul; Brasil

A ocorrência de moluscos terrestres em sítios arqueológicos no Brasil é conhecida. Prous (2007) fala do uso de conchas de caramujos terrestres para produção de artefatos, obtidos pela perfuração por percussão para criar uma aresta cortante. No sul do Brasil, o caramujo terrestre formava parte da alimentação das populações pré-históricas, tanto da Tradição Umbu (Schmitz, 2006) como de caçadores e coletores mais tardios (Jacobus, 2006). Já no litoral, os estudos sobre malacofauna são bem mais completos. Isso em razão de que um tipo emblemático de sítio arqueológico que por lá ocorre, denominado sambaqui, é formado essencialmente por conchas de moluscos (vide, por exemplo: Gernet & Birckolz, 2011; Rodrigues *et al*, 2011; Ferrasso *et al*, 2016; Piacentini, 2018).

O uso dos caramujos terrestres na alimentação constitui uma interessante alternativa proteica. Por serem os maiores pulmonados terrestres sul-americanos (Fontenelle, 2012), os Aruás-do-mato, como são conhecidos popularmente, aparecem no cardápio alimentar de várias populações pré-históricas. Um único indivíduo do tipo *Megalobulimus* pode oferecer

até “100 gramas de carne de alto valor nutritivo” (Prous, 1992: 40). Isso explicaria a ocorrência de cascas de caramujos terrestres em sítios arqueológicos situados em diferentes biomas brasileiros.

Em Mato Grosso do Sul, em específico, são poucos os relatos detalhados sobre a ocorrência de caramujo terrestre em sítios arqueológicos. Sabemos que os *Megalobulimus* estão presentes no território que hoje compõe o Estado de Mato Grosso do Sul desde o Quaternário (Schaeffer *et al*, 2010). Ainda assim, a ocorrência de caramujos terrestres em sítios arqueológicos é muito pouco explorada. Em estudo sobre a arqueofauna do sítio arqueológico Maracaju 1 é citada a presença deste tipo de gastrópode (Pacheco & Martins, 2009), mas sem oferecer mais detalhes, talvez até pela fragmentação das carapaças. Também na região do pantanal sul-matogrossense aparecem vestígios de *Megalobulimus* em ocupações pré-históricas (Peixoto & Silva, 2017).

Diante da carência de dados, este artigo pretende contribuir com a discussão sobre o tema, trazendo o registro detalhado da ocorrência de

Megalobulimus em sítio arqueológico de Mato Grosso do Sul, datando seu uso por populações humanas na pré-história desde, pelo menos, 4 mil anos.

O sítio arqueológico Templo dos Pilares, localizado no município de Alcínópolis, é o maior e mais emblemático complexo de arte rupestre de todo o estado de Mato Grosso do Sul. Ainda que pese sua relevância, a primeira escavação arqueológica foi feita somente em 2015, por uma equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Naquele estudo, foram identificadas claramente duas ocupações: uma de caçadores e coletores arcaicos, datada entre 8 e 10 mil anos; e uma de ceramistas da tradição Una, situados na faixa de 3.000 A.P.¹ (Aguiar, 2016; Aguiar & Souza, 2017) Ocupações entre 5 e 7 mil anos foram efêmeras, indicando ora o abandono, ora ocupação esporádica nesta faixa de tempo. Tal situação pode ter se dado por razões climáticas (Dias de Melo & Marengo, 2008). A identificação deste vazio em vários sítios arqueológicos

brasileiros recebeu a denominação de Hiato do Arcaico (Araújo *et al*, 2003) ou Hiato do Holoceno Médio (Aguiar *et al*, 2019a).

As populações de caçadores e coletores arcaicos se estabeleceram no território que hoje corresponde ao Estado de Mato Grosso do Sul há pelo menos 12 mil anos (Martins & Kashimoto, 2012). Via de regra, estes grupos foram enquadrados dentro da Tradição Itaparica em razão das características tecno-morfológicas de seus artefatos (Schmitz *et al*, 1984; Schmitz *et al*, 1989; Schmitz *et al*, 2004; Schmitz, 2005). Os raspadores plano-convexos, também conhecidos como “lesmas”, são artefatos guia para a identificação dos sítios relacionados a esta tradição (Souza, 2016). Contudo, há sítios em que este tipo de raspador está ausente e a indústria lítica relacionada às populações caçadoras e coletoras arcaicas vai ser marcada pela produção de lascas *per se*, que em razão do potencial cortante vão ser usadas como instrumento logo após sua remoção por percussão direta dura, dando a elas o tradicional formato conchóide. O

1 Antes do presente.

Templo dos Pilares se enquadra nesta segunda categoria (Aguiar, 2016).

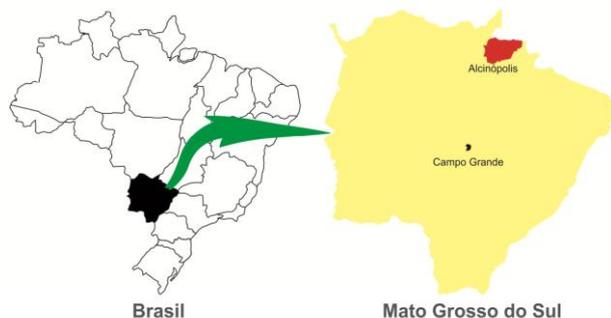


Figura 1. Localização do município de Alcinoópolis, onde está situado o sítio arqueológico Templo dos Pilares.

Na região do Rio Taquari, que pertence à bacia do Rio Paraguai e onde se encontra o sítio Templo dos Pilares, o quadro de ocupação humana na pré-história se dá pela sucessão dos caçadores e coletores arcaicos por caçadores e coletores recentes, após um provável hiato (como já dito). Em seguida aparecem os ceramistas Una, também conhecidos como Jê arqueológicos, que podem representar uma continuidade de caçadores e coletores tardios que adquiriram cerâmica (Wüst, 1990). Ao que tudo indica, estes ceramistas não praticavam agricultura e por isso mesmo podem ser chamados de povos caçadores e coletores ceramistas (Aguiar *et al*, 2019b). Os ceramistas Jê arqueológicos ocuparam o estado

por volta de 3 mil anos atrás, estabelecendo seus assentamentos preferencialmente nas áreas de cavernas e abrigos que ocorrem na faixa de transição entre cerrado e pantanal (Aguiar *et al*, 2019a). Uma das hipóteses é a de que esta região, entre Mato Grosso do Sul e leste do Paraguai, seria um local de gênese desse grupo, cujas raízes remontariam entre 4 e 5 mil anos, quando ainda eram caçadores e coletores aceramistas, trajetória esta possível de observar pela ocorrência de arte rupestre do estilo “pisadas”, típica dos povos Jê arqueológicos (Aguiar, 2017).

A metodologia de prospecção intrusiva seguiu o modelo de quadrículas de um metro quadrado escavadas em níveis artificiais, com a progressão em camadas de dez centímetros, conforme preconizado em Drewet (1999). Na segunda campanha foi possível observar com mais nitidez os níveis de ocupação, cujos croquis, feitos em campo, permitem situar com precisão o conteúdo arqueológico identificado. O sistema de quadrículas usa identificação numérica nas linhas e alfabética nas colunas, o que permite situar o achado dentro do sítio arqueológico com maior

precisão, descrito da seguinte forma: quadrícula-letra-número-nível.

O material retirado das escavações foi levado ao Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados, onde passou por processamento e análise, ordenando o conteúdo em categorias tecno-tipológicas, conforme orienta Banning (2002).

Para identificação do caramujo terrestre, utilizou-se o site dos Conquiliologistas do Brasil², que contém um catálogo das espécies conchíferas do Brasil, e as descrições feitas por Fontenelli (2012).

Já na primeira campanha de escavações arqueológicas no Templo dos Pilares foi possível notar a presença de malacofauna nos estratos arqueológicos. Entretanto, as cascas estavam muito fragmentadas, o que dificultava a identificação. De todas as formas, ainda em 2015 percebeu-se o consumo de moluscos como um aspecto importante da alimentação dos povos Jê arqueológicos que habitaram o abrigo há 3 mil anos.

Novas áreas de escavação foram abertas em 2018, em uma segunda campanha. Como a área foi maior que a primeira, mais material arqueológico foi trazido do campo e o mesmo está na etapa de análise no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados. A nova escavação confirmou a cronologia anterior: uma ocupação caçadora e coletora entre 10 e 8 mil anos e uma segunda entre 2.700 e 5.000 A.P. - desta vez constatou-se que o início da segunda ocupação se deu na casa dos 5 mil anos. Ainda assim, no abrigo grande persiste um hiato entre 5 e 7 mil anos, dentro do modelo descrito anteriormente.

Ainda que a presença de moluscos seja notada nas camadas inferiores, com data aproximada de 8 mil anos, sua ocorrência é muito pequena. O consumo de moluscos vai realmente integrar a dieta alimentar daqueles povos que promoveram a segunda ocupação do abrigo, sendo mais expressiva por volta dos 3.000 A.P. A maior parte do conteúdo está muito fragmentada mas não foi possível determinar se a

2 <http://www.conchasbrasil.org.br/conquiliologia/> [acesso em 14 de junho de 2019].

fragmentação é resultante da forma de preparo e consumo destes moluscos ou da produção de artefatos. De todas as maneiras, não foram encontrados artefatos feitos em conchas, o que reforça a primeira hipótese.

O achado mais interessante relacionado à malacofauna foi a carapaça inteira de um molusco terrestre no nível 10 da quadrícula B5, área prospectada 4. Este nível arqueológico onde a casca do molusco foi achada está datado de 4.141 A. P. A ocorrência de centenas de pedaços de cascas de moluscos, em diferentes graus de deterioração, coloração e fragmentação, vem confirmar que os caramujos terrestres eram consumidos frequentemente pelos povos Jê arqueológicos.



Figura 2. Concha inteira de molusco, de 85 mm., encontrada no nível 10 da quadrícula B5.

Observando as características do espécime coletado chegou-se à seguinte classificação:

Classe: Gastropoda, terrestre.

Família: *Megalobulimidae*

Tamanho: 85 mm.

Nome popular: Aruá do mato.

Data de ocorrência: 4.141 A.P.

A ocorrência de carapaças de moluscos em sítios arqueológicos de Mato Grosso do Sul indicam que o consumo de gastrópodes terrestres constituiu um aspecto importante da alimentação das populações da pré-história. Porém, a fragmentação das conchas impedia uma identificação mais acurada da espécie usada.

A descoberta, em 2018, de uma carapaça intacta de caramujo terrestre possibilitou identificar, sem sombra de dúvidas, que se trata de *Megalobulimus*, conhecido popularmente por aruá-do-mato. As muitas centenas de fragmentos com similar cor e padrão de anéis permite inferir que se trata da espécie dominante de caramujo

terrestre na dieta dos grupos pré-históricos de Mato Grosso do Sul, especialmente nos sítios da região do Taquari.

Observa-se escassa ocorrência de malacofauna nos níveis inferiores, relacionados aos caçadores e coletores arcaicos. A presença do caramujo terrestre vai ser mesmo abundante entre os caçadores e coletores tardios que passaram a produzir cerâmica e que na arqueologia são identificados como os Jê arqueológicos.

O espécime analisado estava no contexto do nível 10 da quadrícula B5, datado em 4.141 A.P. As muitas centenas de fragmentos de conchas que ocorrem nos níveis datados na faixa dos 3 mil anos demonstram que esta seria a data em que ocorreu o ápice do seu consumo. Tão abundantes como os fragmentos de carapaças de moluscos são as cascas de Baru, indicando ser este pinhão do cerrado também uma predileção dos Jê arqueológicos.

Este artigo teve por objetivo contribuir com a discussão sobre o consumo de caramujos terrestres pelos povos da pré-história de Mato Grosso do Sul, tema ainda deveras incipiente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. L. S. Petroglyphs of footprints in the Brazilian State of Mato Grosso do Sul: genesis and stylistic diffusion. *Acta Archaeologica*, v. 88, p. 205-216, 2016.

AGUIAR, R. L. S. *Templo dos Pilares, Alcinópolis*. Dourados: Laboratório de Arqueologia da UFGD, 2016.

AGUIAR, R. L. S.; REGONATO, D. K.; LOPES, A. P. & RAINERI OLIVEIRA, C. A. Os grupos Jê na pré-história de Mato Grosso do Sul. In: Raquel Vilaça e Rodrigo Simas Aguiar (org.) *(I)mobilidades na Pré-história. Pessoas, recursos, objetos, sítios e territórios*. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra (no prelo), 2019a.

AGUIAR, R. L. S.; MARTINS, R. S. & ALMEIDA SILVA, L. F. *Os artefatos laminares da coleção Indaiazinho e sua contribuição para a compreensão das ocupações Jê na pré-história de*

Mato Grosso do Sul, Brasil. Artigo submetido para publicação (em avaliação), 2019b.

AGUIAR, R. L. S.; SOUZA, J. C. A Escavação no Sítio Arqueológico Templo dos Pilares e sua relação com a ocupação humana e a produção de arte rupestre em Mato Grosso do Sul. *Clio. Série Arqueológica*, v. 32, p. 118-138, 2017

ARAÚJO, A. G. M.; NEVES, W. A.; PILO, L. B. Eventos de seca no Holoceno e suas implicações no povoamento pré-histórico do Brasil Central. *Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário*, 2003.

BANNING, E. B. *The Archaeologist's Laboratory*. The Analysis of Archaeological Data. New York: Kluwer Academic Publishers, 2002.

DIAS DE MELO, M. L. & MARENGO, J. A. Simulações do clima do Holoceno Médio na América do Sul com o Modelo de Circulação Geral da Atmosfera do CPTEC. *Revista*

Brasileira de Meteorologia, Vol. 23, No. 2, pp. 190-204, 2008.

DREWETT, P. L. *Field Archaeology*. Londres: UCL Press, 1999

FERRASSO, S.; FIORENTIN, G. L. & SHMITZ, P. I. Identificação de remanescentes conchiliológicos de um assentamento holocênico na Planície Costeira do Rio Grande do Sul: contribuições sob o enfoque zooarqueológico. *Pesquisas – Antropologia* nº 72, pp. 225-266, 2016.

FONTENELLI, J. H. Anatomia, taxonomia e distribuição geográfica dos caracóis-gigantes do “Complexo *Megalobulimus granulatus*” (Mollusca, gastropoda, pulmonata). Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, USP, 2012, 24 f.

JACOBUS, A. L. Alimentos usados pelo homem pré-histórico. *Documentos*, nº 5, Pré-história do Rio Grande do Sul, pp. 13-30, 2007.

PACHECO, M. L. A. F. & MARTINS, G. R.

Arqueofauna resgatada no sítio arqueológico Maracaju 1, MS: implicações no estabelecimento dos padrões de subsistência e mobilidade das populações humanas pretéritas locais. *Albuquerque Revista de História*, Vol. 1, nº 2, pp. 141-172, 2009.

PEIXOTO, J. L. S. & SILVA, M. A. G.

Arqueofauna do Aterro do Limoeiro, Pantanal, Brasil. *Revista de Arqueologia*, Vol. 30, nº1, pp. 03-27, 2017.

PIACENTINI, M. *Estudo diacrônico e análise da malacofauna encontradas no sambaqui Canto dos Araçás, Florianópolis, SC*. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018, 74f.

PROUS, A. *O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

RODRIGUES, R. B.; SUGUIO, K.; SALLUN, A.

E. M. & DE SIMONE, L. R. L. Estudo Malacológico de Sambaquis de Momuna (Iguape-SP) e o seu significado paleoambiental. *Geologia USP. Série Científica*, 11(1), 137-147, 2011.

SCHEFFLER, S. M.; MARTINS, G. R.;

KASHIMOTO, E. M.; OLIVEIRA, A. M. Revisão sobre a paleontologia no estado de Mato Grosso do Sul: fósseis e afloramentos descritos. *Brazilian Geographical Journal: Geosciences and humanities research mediums*, nº 1, pp. 65-99, 2010.

SCHMITZ, P. I. Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul. *Palestra de abertura do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 2005.

Disponível em: http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/schmitz/palestra_abertura.pdf Acessado: 20 fev. 2012.

SCHMITZ, P. I. O mundo da caça, da pesca e da coleta. *Documentos*, nº 5, Pré-história do Rio Grande do Sul, pp. 149-164, 2006.

SCHMITZ,, P. I., OSORIO ROSA, A., & VIETTI BITENCOURT, A. L. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis III. *Pesquisas, Série Antropologia*, No.60. São Leopoldo: IAP, 2004.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; JACOBUS, A. L.; RIBEIRO, M. B. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis I. *Pesquisas, Série Antropologia*, No. 44. São Leopoldo: IAP, 1989.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B.; VERARDI, I. *Arte Rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da Pré-História de Goiás e oeste da Bahia*. São Leopoldo: IAP, 1984.

SOUZA, J. C. M. Lithic technology of an Itaparica industry archaeological site: the Gruta das Araras rockshelter, Midwest Brazil. *Journal of Lithic Studies*, vol. 3, No. 1., pp. 87-103, 2016.

WÜST, I. (1990). *Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: USP, 1990, 694f.